



Escritores sefarditas em países amazônicos

Sephardi Authors in Amazonian Countries

Regina Igel*

University of Maryland | Maryland, Estados Unidos.

ri@umd.edu

Resumo: Dos nove países cobertos pela Floresta Amazônica, destaca-se a área brasileira por meio das principais obras de Sultana Levy Rosenblatt, Ilko Minev e Elias Salgado; da Venezuela, Isaac Chocrón, e da Colômbia, Memo Ánjel. Eles têm em comum sua formação sefardita, suas experiências pessoais e coletivas nesses países, em ambientes urbano e rural. Dois dos escritores brasileiros têm em comum predecessores marroquinos, enquanto todos os outros autores sefarditas são de variadas origens: argelina, turca e búlgara. Seus escritos são baseados em memórias pessoais e fatos históricos sobre judeus na Floresta Amazônica, dentro e fora do Brasil.

Palavras-chave: Escritores. Sefarditas. Amazônia.

Abstract: Out of the nine countries covered by the Amazonian Forest, author stresses Brazilian area through the main works of Sultana Levy Rosenblatt, Ilko Minev and Elias Salgado; from Venezuela, Isaac Chocrón and from Colombia, Memo Anjel. They have in common their Sephardic background, their personal and collective experiences in these countries in urban and rural environments. Two of the Brazilian writers have in common Moroccan predecessors, while all the other Sephardic authors descend from a variety of nationalities, such as Turkish, Argelian and Bulgarian. Their writings are based on personal memories and historic facts concerning Jews in the Amazonian Forest, in and outside Brazil.

Keywords: Writers. Sephardi. Amazon.

Como se sabe, são nove os países cobertos pela floresta amazônica, cada um deles com uma parcela diferente da massa verde. 64% da floresta está no Brasil, enquanto pouco menos de 7% se encontra na Venezuela, quase 10% estão no Peru, 7% na Bolívia, pouco mais de 1,5% estão no Equador, enquanto a Colômbia tem quase 7%. Os três territórios até recentemente ocupados por europeus, como a Guiana e o Suriname, juntos são cobertos por 10% da selva, com 7% em Suriname, a ex-colônia holandesa.¹ Esses países abrigaram, em tempos diferentes, ondas imigratórias de judeus sefarditas, a partir dos tenebrosos tempos da Inquisição ibérica, que se estenderam até o período que precedeu e se seguiu à Segunda Guerra Mundial.

¹ EPICENTRO GEOGRÁFICO (2019).



O que distingue os sefarditas na faixa amazônica dos demais sefarditas na América do Sul? Muito possivelmente, é a sua quase única origem, pois a maior parte deles provém do Marrocos ou são descendentes de marroquinos. Os sefarditas estabelecidos nos nove países que compartilham o bioma amazônico entraram pela selva em número amplo, no começo do século XIX, precedidos por poucos expatriados, antes da abertura dos portos por Dom João VI.

No Marrocos, a vida judaica tinha, desde a Antiguidade, altos e baixos. Tanto era protegida por alguns califas por tratados que determinavam sua identidade como *dhimmi*, quanto era vítima de proibições, maus tratos e perseguições por outros.² A retirada judia do Marrocos foi executada, para a maioria da população e por quase todo o século XIX, para o norte da América do Sul, entrando pela foz do rio Amazonas, em se tratando do Brasil. Como o percurso transatlântico entre o Marrocos e o norte da América do Sul é praticamente uma linha reta relativamente curta, pode-se inferir que foi esse um dos fatores preponderantes para a escolha dos judeus para alcançarem um mundo novo. Esse motivo terá sido reforçado pelas notícias sobre rápido enriquecimento, visto que a borracha, abundante na faixa amazônica, era desejada e comprada pelo resto do mundo.

Nos demais países da mesma faixa climática acima da linha do Equador, as entradas se deram com escalas em Curaçao de onde prosseguiram para a Guiana então holandesa, para a Venezuela, Colômbia, Bolívia e o Peru. Os parâmetros populacionais sefarditas vão diminuindo à medida que os imigrantes se afastavam do oceano Atlântico. Há mais ou menos 180 mil sefarditas em todo o território da América do Sul, enquanto os asquenazitas são 450 mil.³

São considerados sefarditas, para fins deste artigo, o conceito de Joseph Papo, para quem os sefarditas são “*todos los judíos cuyos ritos religiosos, liturgia y pronunciación del hebreo llevan como impronta una tradición diferente a los askenazíes, y aquellos que se consideran a ellos mismos parte del mundo sefardí*”⁴ (Em português: [sefarditas] ... são todos os judeus cujos ritos religiosos, liturgia e pronúncia do hebraico são seguidos como uma tradição diferente daquela dos asquenazitas, e aqueles que se consideram como parte do mundo sefardita).

Entre os escritores sefarditas na América do Sul, selecionamos alguns que podem representar o todo literário-sefardita tanto na Amazônia brasileira quanto na hispânica. Uma vez estabelecidas essas coordenadas, entramos pela floresta livresca amazônica pelo Brasil, na qual identificamos três escritores, dois deles de antecedentes marroquinos: Elias Salgado e Sultana Levy Rosenblatt, e Ilko Minev, de nacionalidade búlgara, naturalizado brasileiro.

² HOLOCAUST – HISTORY OF THE JEWS IN MOROCCO (PROJETALADIN.ORG).

³ SEPHARDI JEWISH COMMUNITIES IN LATIN AMERICA, 2017.

⁴ PAPO, 2020.



Elias Salgado, também conhecido como Elias El-maleh, é neto de marroquinos. Embora seus pais morassem em Manaus, o escritor nasceu em Rio Branco, no Acre, pois na capital do estado do Amazonas não havia uma maternidade cujos recursos hospitalares fossem confiáveis (segundo suas narrativas publicadas). Foi escolarizado em Manaus até mudar-se com a família para o Rio de Janeiro, de onde seguiu sozinho para Israel, a fim de completar seus estudos. Depois de ter seguido um programa de pós-graduação em História, no Melton Centre da Universidade Hebraica de Jerusalém, voltou ao Rio de Janeiro, onde reside (na altura desta escrita). Ensinou Hebraico e História Judaica em escolas secundárias nessa cidade, tendo desenvolvido uma carreira múltipla como jornalista, pesquisador, editor e escritor. Além de ter publicado trabalhos de cunho histórico, autobiográfico e de crônicas e contos, deu prosseguimento e passou a expandir, a partir de 2010, a Editora Talu Edições, fundada em 2002 com seu irmão David Salgado, residente em Israel, com quem tem colaborado na composição de várias obras. A editora publica as revistas *Amazônia Judaica*, *Universo Sefarad* e *Sagaz (Arte e Cultura)*, além de livros derivados de teses de Mestrado e de Doutorado relevantes para o estudo do judaísmo no Brasil e textos de autores judeus amazônicos. Salgado é diretor do Portal Arquivo Histórico Amazônia Judaica (AHAJ), fundado em colaboração com David Salgado e do Centro de Estudos Judaicos da Amazônia (CEJA). Estas duas últimas entidades são afiliadas ao Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESA), da Universidade do Pará, campus Bragança. É também pesquisador associado ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas atividades mais recentes envolvem programas ao vivo e em gravações de palestras, debates e diálogos de parte de especialistas em judaísmo sefardita e asquenazita, para o seu Portal Televisivo. Ademais, em 2021 organizou o Congresso Internacional de Estudos Sefarditas (CIES), com a participação de acadêmicos e intelectuais independentes de diversos países, via internet.

Sua narrativa tende a ser encaixada em crônicas e contos, alguns dentre estes de caráter ficcional, enquanto as crônicas mantêm um enfoque realista, amparado por um projeto memorialista. “Numa crônica saudosista”, por exemplo, pela qual ele nos remete ao seu tempo de infância, quando seu pai era vivo e seu irmão mais velho começava a ser seu ídolo, ele relembra, numa história simples, um curto episódio vivenciado por ele, seu pai e seu irmão, à véspera do Shabat. O que se destaca nessa breve crônica é o dinamismo de uma cena entre um pai e seus filhos (andando e conversando em direção à sinagoga, localizada no alto de uma rua) que foi capaz de incentivar o autor a “apropriar-se” do sábado judaico ou a ser por “ele” mesmerizado para sempre. Nesses três parágrafos selecionados, apesar de sua brevidade, são incluídos três termos ligados à religião judaica: esnoga, Shabat (repetido) e Shechiná:

Naquele fim de tarde, subimos os três nossa rua rumo a nossa amada esnoga, como três velhos amigos. Eu até vi um sorriso no



rosto de papai e uma mudança no olhar de meu irmão, era como se aquela conhecida melancolia o tivesse abandonado.

Se aquele Shabat se repetiria outra vez, daquela mesma maneira tão especial, nenhum de nós sabia. Mas uma coisa eu sei: Toda vez que o Shabat vai chegando, eu de novo me vejo subindo aquela rua da minha infância, com o mesmo sentimento.

Mas com uma enorme diferença: Hoje eu sei que não éramos apenas três. É que sobre nós pairava a nos guiar, a shechiná – a presença divina.⁵

Ainda que vivendo em pequenas comunidades (e a de Manaus ainda se contava como grande), pai e filhos seguiam os ritos judaicos dentro das possibilidades do ambiente. Havia uma sinagoga na cidade, sim; havia líderes religiosos e espirituais, sim. Nada lhes faltava, embora fosse tudo em escala menor. A memória do escritor nos revela passagens da sua infância na capital do Amazonas, que oferecem flagrantes da convivência com outros judeus na região. Em *Vou ali e volto já*, Salgado lembra:

Via com nitidez o velho “Seu Jacob”, o respeitado líder espiritual de nossa kehilá (comunidade), franzino como só ele, em seu sotaque de marroquino autêntico, chegando ao casarão e atravessando o portão, já tirando dos bolsos do seu paletó surrado, balas que distribuía com carinho a nós, crianças.⁶

Apesar dos empecilhos devidos ao isolamento da comunidade nortista em geral, rituais da religião judaica eram respeitados e seguidos, dentro do que fosse possível. Onde encontrar carne que fosse abatida segundo a liturgia judaica? Esse tipo de carne faz parte dos hábitos religiosos de judeus moradores em cidades com uma comunidade judaica volumosa. Para segui-los, os descendentes dos marroquinos na selva cuidavam de trazer uma pessoa profundamente conhecedora da religião, como o “seu Jacob”, revivido na crônica de Salgado. Era ele quem preparava a comunidade para o Dia do Perdão, o qual exige atividades que antecedem um jejum de 24 horas.

Também era ele que andava de casa em casa matando galinhas segundo o ritual de fazer uma incisão no pescoço delas (que as fizesse sofrer o menos possível ou quase nada). Flagrantes como esses encontram-se descritos na obra de Salgado, seguidos desde sua perspectiva de menino. Ao revê-los pela memória, recorda seus anos formativos em meio a mudanças de moradias e cidades, dissabores familiares, relatos entremeados por nostalgia e humor.

Outra escritora, paraense descendente de marroquinos, Sultana Levy Rosenblatt, também retornou ficcionalmente aos seus anos de formação em Belém do Pará.

⁵ SALGADO, 2015.

⁶ SALGADO, 2015.



Nascida nessa cidade em 1910, ela faleceu, aos 97 anos, em McLean, Virginia, nos Estados Unidos, onde passou a viver depois de seu casamento com Martin Rosenblatt, norte-americano, tendo antes morado em Honduras e em Porto Rico. Desde criança, Sussu, como era chamada por parentes e amigos, integrou-se a leituras e pesquisas sobre figuras públicas ou acontecimentos históricos que atraíssem seu interesse.

Ela sempre escreveu e publicou no Brasil, entre romances, livros de contos e crônicas para jornais e revistas, entre as quais se sobressai *Morashá*, publicada em São Paulo. Morando relativamente perto da Biblioteca do Congresso, em Washington, D.C., ela e seu marido passaram inúmeras tardes nos seus salões de leitura e consultas, dando continuidade às suas pesquisas. Além desse aspecto do seu itinerário literário, Sussu era uma memorialista que mostrou ter um registo mnemônico invejável, lembrando-se de pormenores, nomes das pessoas, datas e fatos acontecidos no decorrer de sua vida amazônica, que foi até os seus 30 e poucos anos.

Ao longo da criação de seus três filhos, ela retornava à sua terra natal regularmente, quando revia os irmãos e irmãs (eram onze ao todo) moradores de Belém e de lá se deslocava para o Rio de Janeiro e São Paulo, onde moravam alguns deles, entre outros parentes. A família Levy foi notória por suas contribuições à sociedade brasileira-paraense. Seu irmão Judah, por exemplo, foi o engenheiro que finalizou a construção da famosa “esnoga” Shaar HaShamaim, no prédio que é ativo ainda hoje, em Belém do Pará. Foi ele também que teve a iniciativa de construir o primeiro edifício de vários andares naquela cidade, ao qual deu o nome da mãe, Esther. O pai, Eliezer Levy, foi incentivador de melhorias públicas quando administrador do então Território do Amapá, onde se encontram docas que levam seu nome, pelo fato de ele ter iniciado a melhoria do porto. Foi ele também o fundador de um jornal sionista em Belém do Pará e o criador de um carro alegórico que desfilou pela cidade de Belém, representando seus sonhos sionistas.

Rosenblatt era uma pessoa extremamente doce, suave e muito humana (eu a conheci e com ela tive uma amizade de mais de vinte anos, até o seu falecimento). Era exímia cozinheira e costureira amadora, além de ser extraordinária escritora – e é a esse aspecto de sua vida que nos referimos aqui. Morando longe do Pará, ela carregava Belém na sua bagagem espiritual onde quer que estivesse: em Honduras, em Porto Rico, lugares onde moraram antes de se mudarem definitivamente para Virginia. Aí recebia brasileiros locais e viajantes, oferecendo fartas mesas onde não faltavam pelo menos um produto do Pará, seja doce de cupuaçu ou, depositado na bancada ao lado da mesa, um raminho de *patchouli*, presente de alguém que teria chegado do Pará recentemente. Na cidade de McLean, ela trabalhou como professora numa escola de línguas e deu aulas particulares de espanhol e português.

O mundo descrito na sua obra é essencialmente o planeta amazônico – tão diferente do resto do Brasil, tão afastado das capitais envernizadas por um modernismo desesperado. Em Belém do Pará, o progresso era mais lento do que o ritmo vivido nas



idades do Sul do país e Sussu viveu essa realidade, transmitida em alguns romances de feição memorialista. Mas, não é só sua memória afetiva que se descobre nos seus escritos. Seus anos de trabalho junto a uma repartição estadual em Belém do Pará lhe deram os “instrumentos” para escrever *Reviravolta*, romance que mostra as voltas que a vida traz, seus altos e baixos. O cenário é uma repartição burocrata localizada no Rio de Janeiro, possivelmente “transportada” do departamento onde ela trabalhou, na sua cidade natal. Os personagens são funcionários públicos, cada um com suas peculiaridades. Entre eles, ressalta-se Geraldo, homem generoso, honesto, altruísta e ingênuo. A construção desse personagem é nitidamente inspirada no funcionário-modelo e, para quem conhece repartições públicas brasileiras, talvez não seja difícil imaginá-lo. Os elementos reunidos na construção de sua personalidade terão seguido o padrão do trabalhador dedicado ao trabalho, com exclusão de sua vida pessoal e infligindo-se sacrifícios individuais. Talvez tenha sido o seu altruísmo ou sua ingenuidade que o terão levado aos baixos da vida – mas, para que os leitores não desanimassem diante dos percalços e das traições que ele sofreu, o final da história é um tanto mais animador... As duas últimas sentenças do romance mostram o espírito esperançoso da escritora: “Um riso de incredulidade ante a felicidade que se julga impossível, grande demais para ser real. Mas é”.⁷

De outro lado, ela voltou-se para suas raízes judaicas expressando ternura por seus antepassados e preocupação pelos destinos dos judeus amazônicos. Fez parte de um amplo bloco de sefarditas de antecedentes marroquinos e ao relatar os acontecimentos vividos ou ouvidos, Sultana navega o passado, revendo seus antepassados e contando sobre eles, suas desventuras e sucessos. Repetindo um clichê, pode-se dizer que Sultana saiu do Pará, mas o Pará não saiu de Sultana. Embora com forte apego ao passado, tinha bem plantados os pés no presente. Era saudosista, mas vibrava com as novidades que lhe eram informadas desde Belém por cartas e telefonemas, como casamentos, nascimentos, viagens, bolsas de estudos para os jovens, formaturas.

Lembrando-se do passado, o reconstruía nos romances, contos e nas crônicas, tendo em mente que o mundo da sua infância, adolescência e idade adulta já não mais estava naquele mesmo lugar. O progresso fez com que casas fossem substituídas por edifícios, árvores decepadas, quintais transformados em estacionamento. Nas suas voltas a Belém, ela passava pelas mesmas ruas palmilhadas quando era criança, adolescente e adulta, revendo, pela imaginação, os personagens que acabavam penetrando por seus escritos. Ela descreve seus antepassados e o entorno num tom intenso e penetrante, mesmo que não os tivesse pessoalmente conhecido. Exemplo disso é este trecho da sua crônica “Como viemos parar no Amazonas”:

Parece incrível que pelo meio do século XIX meu bisavô materno fosse proprietário de canais situados na grande Ilha de Marajó, no norte do Brasil.

⁷ ROSENBLATT, 1978.



Parece incrível por vários motivos. Primeiro que tudo, ele era um jovem judeu e os judeus não gozam fama de aventureiros. Atribui-se à extremosa mãe judia o poder de impedir que os filhos se exponham a perigos...

Em segundo lugar, supõe-se que os judeus preferissem estabelecer-se nas cidades, perto de sinagogas, escolas, bibliotecas. Mas esse lugar a que meu bisavô entregou as primícias da sua vida não tinha sinagoga, nem biblioteca, nem sequer livraria. Era uma cidadezinha onde as facilidades, como condições sanitárias e assistência médica, ainda hoje são precárias.

Então, pergunta-se, como se explica que um moço judeu, educado, nascido em Tânger, no Marrocos, apareça feito senhor de escravos no coração de uma ilha amazônica? [...] que por esse tempo, os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurar nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos.⁸

A obra de Sultana, em geral, revela aspectos da vida judaica nas cidadezinhas cercadas e entroncadas por rios e florestas, no início do século XX, incluindo certos ângulos da prática do judaísmo em Belém do Pará. Não se prendendo apenas à sua religião, ela relata hábitos paraenses, recorda brincadeiras infantis, lendas e refrãos vigentes na sociedade hegemônica. Seu conhecimento prático da religião se devia aos seus pais, que também eram sionistas fervorosos, pois foi seu pai quem começou a desenhar uma bandeira para Israel contendo as cores azul e branco. Ele participou de uma festividade popular com um carro alegórico onde as irmãs mais velhas de Sultana se colocaram como “filhas de Sião”, empunhando a bandeira.

Sultana observou as aberturas fluviais dos regatões, entre eles muitos correligionários, navegando por igarapés (canal estreito de rio) e por igaparás (braço largo de um rio), muitos salvos da febre amarela ou de picadas de cobras por milagres... também os acompanhava, mentalmente, quando se resignavam a viver uma vida solitária, longe de parentes, amigos, alguns sem família. Conhecia suas histórias, as ouvia deles mesmos, ao voltarem para a cidade. Seus pais recebiam esses judeus, principalmente durante os dias religiosos. Esse costume foi trazido por Sultana para sua casa na Virgínia. Recebia a todos igualmente, judeus e não judeus e sua morte foi intensamente pranteada por todos que a conheceram.

Desde jovem, quando pode exercitar suas vontades, recusava-se a viver em bolhas separatistas, ainda que sua família poderia facilmente ser incluída na elite da sociedade paraense. Participava de todas as festas, nacionais e religiosas, pertencia a

⁸ ROSENBLATT, 2000.



clubes literários e beneficentes. Era uma jovem ativa, procurada para declamar ou fazer um discurso de boas-vindas para visitantes célebres. Foi assim que representou a juventude paraense quando da visita de Eleanor Roosevelt à região e foi como conheceu o médico Noel Nutels (1913-1973), que esteve em sua casa de passagem para os grotões indígenas. Ela estava, e assim permaneceu, ainda que longe da sua cidade natal, alerta para qualquer movimento público ou particular em relação à vida paraense, fosse ela judaica ou não. Um dos seus autores favoritos foi Dalcídio Jurandir (1909-1979), seu contemporâneo, mas lia intensamente tantos autores quanto coubessem em suas mãos. Escrevia em português, espanhol e ladino, além de usar inúmeros termos em haquitia com grande desenvoltura, em conversas amenas e risonhas que ela mantinha com seus irmãos, por telefone, cartas e pessoalmente.

Pode-se concluir dizendo que Rosenblatt representa o mundo amazônico judaico no decorrer de grande parte do século XX, tendo absorvido tanto os costumes paraenses quanto a prática religiosa judaica, uma bagagem espiritual que ela soube transformar em literatura.

Outro sefardita morador na Amazônia brasileira, sobre a qual escreve, é o búlgaro Ilko Minev, nascido em 1946, em Sofia, capital da Bulgária, brasileiro naturalizado, residente em Manaus. Até o começo de sua vida adulta viveu no regime comunista búlgaro e, sentindo não ter um futuro no seu próprio país, escolheu viajar para o Brasil, onde tinha parentes. Sua saída da Bulgária comunista já anunciava seu espírito desbravador, pois encontrou tanta dificuldade que teve de apelar à ONU e como refugiado, conseguiu seu visto de saída. Durante sua permanência na Bélgica, onde passou alguns anos como asilado, formou-se em Economia, depois de diplomado em Letras Germânicas em seu país natal. Passou por outros países europeus antes de, finalmente, chegar a São Paulo, onde era aguardado com uma promessa de trabalho. Mas, por um acaso, recebeu oferta melhor e foi para Manaus, num emprego em firma internacional. Uma vez naquela cidade, logo se identificou como judeu e falante de ladino, entrosando-se com a comunidade local. Conheceu e casou-se com Nora, filha do afamado professor Samuel Benchimol (1923-2002), autor de várias obras no campo profissional de Economia e que, entre outras obras, publicou *Eretz Amazônia*, ponto inicial para quem quiser conhecer o judaísmo amazônico.

Minev foi empresário pela maior parte da sua vida, e se pôs a escrever apenas aos 66 anos, depois de se ter aposentado do mundo de negócios. Seu primeiro romance, mescla de relato histórico e ficcional, é sobre um parente que o precedeu na região florestal, o personagem Licco Hazan, apresentado como seu tio. Este, escapando dos nazistas, veio de navio para o Brasil com sua jovem esposa, que conhecera durante a fuga, ela também escapando dos mesmos carrascos. Depois da longa travessia, o navio em que estavam sofreu avarias na costa do estado do Pará. Embora o destino do casal fosse o Rio de Janeiro ou São Paulo, ambos resolveram desembarcar ali mesmo. E assim começou a vida dos Hazan na floresta amazônica, onde se extasiaram com o ar



impregnado de aromas, que passaram a exportar como essências para a França, país que as transformavam nos famosos frascos de perfume. Essa é a história desenvolvida em *Onde estão as flores?*,⁹ romance em que o personagem principal relata sua vida na Bulgária, sua ligação com os sefarditas de origem espanhola, as tradições judaicas na sua família, tendo como pano de fundo tanto a Bulgária do rei Boris e os campos de trabalho forçado durante o terror nazista, como também a exuberância amazônica e seu povo, constituído de judeus sefarditas, caboclos e demais mestiços. De passagem, explica que o sobrenome Hazan provém do fato de seu avô ter sido *chazan* (cantor litúrgico) na Sinagoga de Sofia.

Neste e em outros de seus romances, Minev mostra-se um consumado contador de histórias. Consegue destacar, no seu armazém mental de lembranças, fatos históricos e corriqueiros e transformá-los numa esteira de relatos interligados e impregnados de mistério, suspense, intrigas, rasgos de coragem ou covardia, segundo as situações enfrentadas pelos personagens. Seu campo de atividades literárias é a expansão florestal amazônica, sem perder de vista tanto o passado autóctone das suas figuras humanas quanto os efeitos trazidos por forasteiros para aquelas terras. Sua vivência como judeu na área urbana da Amazônia se reflete no livro sobre seu tio, no qual se mesclam suas experiências com as dos parentes que construíram uma nova vida em Manaus. Em sua obra, expõe situações acontecidas a outros, como a história do seu sobrinho Oleg que empregou, nas pequenas batalhas contra piratas e outros malfeitores pelos rios, seu aprendizado no exército de Israel, descrito em *A filha dos rios*. O panorama físico nos seus livros é amplo e bastante diversificado. Seu livro mais recente (à altura deste trabalho), *Nas pegadas da Alemoa*,¹⁰ também envolve a floresta amazônica na região de Roraima às Guianas, que estavam na mira dos nazistas antes e durante a Segunda Guerra, assim como o estado do Amapá.

Ressurgem, nessa nova narrativa, o tio Licco e o sobrinho Oleg, personagens voluntariamente enredados no mundo amazônico, como retratados em obras anteriores de Minev. Este aproveitou suas histórias, como “contadas” por Rebeca, que veio a conhecer seu pai, Licco Hazan, aos 17 anos de idade. É ela quem expõe as aventuras multifacéticas de Oleg e sua esposa, pois se juntara ao casal para elucidar um intrincado plano alemão de conquista daquela região, descoberto e guardado pelo falecido Licco. O trio viaja e conhece lugares de beleza extraordinária, como a Cachoeira de Santo Antônio, no rio Jari, no Amapá, que Minev envolve nos seus meandros literários, como faz com outros panoramas naturais. O resultado da leitura dos seus livros pode levar leitores a construir um quadro panorâmico das variadas circunstâncias acontecidas na Bacia Amazônica, muitas delas de fundo real, como as tentativas de parte dos indígenas em se fazerem ouvir quando da demarcação de terras em Roraima, na região conhecida como Raposa-Serra do Sol, como os também fatos

⁹ MINEV, 2014.

¹⁰ MINEV, 2021.



históricos relativos a uma expedição de cientistas alemães que estiveram na região amapaense durante a década iniciada em 1940. A “Alemoa”, que consta do título do romance, foi o apelido dado pelos habitantes locais a uma menina loira, de olhos azuis, cujo pai seria um dos líderes daquela expedição e que a teria abandonado entre os indígenas. É para desvendar este e outros mistérios que a narradora – Rebeca – e o casal Oleg e Alice se lançaram à aventura de descobrir quem foi a “Alemoa” e como o programa nazi se estendeu e terminou naquele rincão, um tópico na História do Brasil desconhecido pela maior parte dos brasileiros.

A obra de Ilko Minev é telúrica e “hidratada” pelas águas amazonenses. Seus quadros descritivos são como vitrais móveis e sensuais da Amazônia, com pessoas e perfumes que exalam episódios históricos e fictícios no mesmo diapasão apaixonado pela paisagem e sua inserção nas vidas dos personagens. Nisto, o narrador (ou a narradora, como na obra sobre a “Alemoa”) ele ressalta tanto as chuvas que caem em pesados bagos assim como os respingos das águas fluviais, as picadas de mosquitos e o deslumbramento do pôr do sol no horizonte aquático. Este conjunto descritivo forma um laço literário que pode envolver leitores por seus tópicos enovelados, ao mesmo tempo que límpidos e ordenados. Estes incluem certas questões amazonenses de conhecimento universal como desmatamento, incêndios provocados, criação de gado bovino, exploração ilegal de ouro, invasões a terras indígenas, sutilmente frisando que há meios de superar o medo de se perder a Amazônia para o fogo ou para a ganância mesmo dentro da legalidade.

Ainda pela floresta amazônica, focalizando a Venezuela, encontramos a obra cênica do dramaturgo, economista, tradutor e diretor teatral Isaac Chocrón Serfaty. Ele nasceu em 1930, em Maracay e faleceu em 2011, em Caracas. Embora judeu, cursou escolas cristãs, por falta de melhores estabelecimentos estudantis no local onde passou infância e juventude. Seu conhecimento da religião católica, como ensinada por estas instituições, reflete-se na sua peça teatral *Escrito y Sellado*, de grande repercussão no seu país natal. Frequentou universidades no exterior, ora como estudante (recebeu o título M.A. em Relações Internacionais e Doutorado em Desenvolvimento Econômico, pela Universidade de Manchester), ora como professor convidado, onde deu cursos de teatro e participou de congressos acadêmicos. Foi fundador da Companhia Nacional de Teatro e diretor da Escola de Artes da Universidade Central da Venezuela. Sempre que podia, em conversas com amigos e em entrevistas, Chocrón se definia como “canhoto, judeu, homossexual e escritor” (zurdo, judío, homosexual y escritor). Tinha uma personalidade contagiante, bem disposta e alegre, com gracejos espontâneos, o que se transmite em suas obras teatrais e semificcionalis.

Foi autor de peças e dos romances *Pájaro del mar por tierra* (1972), a autobiografia *Rómpase en caso de incendio* (1975). O tom básico dos escritos de Chocrón é seu humor explícito, sua ironia implícita e sua inclinação analítica pelas incertezas da vida, sem deixar de mostrar-se um humanista fervente e agudo observador do comportamento



humano. Nesse setor, ele foi um crítico sarcástico da ambição desenfreada e da adoração pelo dinheiro pela sociedade imersa no sistema capitalista agressivo. Sua obra teatral é revestida de alto teor espiritual. Tal é perceptível, por exemplo, na peça *Escrito y sellado*,¹¹ em homenagem a um amigo falecido de AIDS.

Constitui-se de sete cenas, quase todas passadas no estado de Novo México, nas cidades de Albuquerque e Santa Fé, além de fazer *flashbacks* na cidade de Caracas, de onde vieram os principais personagens: o ex-ator e padre Miguel e seu amigo, o judeu Saul, professor de inglês, com especialidade em Shakespeare, na universidade local. Saul vai ao encontro de Miguel, seu antigo colega de teatro e ambos têm diálogos pelos quais se revelam a tristeza de Saul pelo falecimento por AIDS de um jovem, Luís, com o qual tinha inúmeras afinidades e o segredo do padre Miguel, que sofria da mesma doença. Ambos os depoimentos são declarados no início da peça, que segue ao longo de entendimentos e desavenças entre os dois amigos, acabando por influenciar-se quanto às suas concepções sobre a morte, a existência de Deus, o sofrimento humano, os rituais religiosos e os espaços que os seres humanos ocupam, sejam movidos por eles mesmos ou por forças desconhecidas. Paira sobre todos o espírito de Luís, invisível para os personagens, mas vivo e falante para o público espectador, que intervém em várias cenas, ora dirigindo as conversas entre os homens, ora dirigindo-as entre as duas mulheres, Nancy, assistente de Saul e Carmen, cozinheira e empregada de Saul, que também serviu a Luís.

O texto evolui com seriedade (imposta pelas comunicações dos dois homens) e com humor, este vindo principalmente de Saul, irônico e sagaz. O encontro entre um padre católico e um judeu ateu deriva, possivelmente, da própria educação escolar de Chocrón – ex-aluno de escolas católicas, sabia-se judeu e se indagava, como essa peça o demonstra, se alguma religião poderia ajudar o ser humano no seu padecimento terrestre. “Escrito” e “selado” são as palavras que os judeus se dizem no sétimo dia do Ano Novo judaico, quando pedem a Deus que os inscreva no livro da vida. Saem das sinagogas com o coração mais leve, uma vez que acreditam que o pedido está “escrito e selado”.

Chocrón é reconhecido tanto por ter sido um dramaturgo que compôs peças extraordinárias, quanto por ser também uma referência como diretor teatral e, ao lado desses elementos biográficos, ter também dito, sempre que se abria uma oportunidade, ser judeu sefardita, entre suas outras classificações pessoais, já mencionadas.

Ainda na Venezuela (ainda que as influências florestais façam ou não parte de seus escritos), também se destacam os sefarditas Sonia Chocrón, prima de Isaac Chocrón (1961, escritora, jornalista, dramaturga teatral e cinemática, de Caracas), Elias David Curiel (1871-1924, poeta, professor e jornalista, de Santa Clara de Coro), Moisés Sananes (1900-1969, jornalista e fundador do jornal *El mundo israelita*, de Caracas).

¹¹ CHOCRÓN, 1993.



Na Colômbia, lembremos o controverso Jorge Isaacs (1837-1895, cujo pai judeu converteu-se ao catolicismo, como a protagonista de *María* faria mais tarde, no romance que projetou Isaacs na literatura do seu país, sobre uma judia que se tornou católica); o enigmático Porfirio Barba Jacob (1893-1942, cujo nome verdadeiro era Miguel Ángel Osorio Benitez, tendo confessado ser “*de la raza judía*” num de seus poemas) e José Guillermo Ángel, o foco desse breve artigo introdutório de sua obra, cujo *nom de plume* é Memo Ángel (“Anjel” com a letra jota).

O colombiano Memo Ángel, como se assina o escritor em suas obras ficcionais (romances e contos), ensaios acadêmicos, crônicas e desenhos de índole política e humorística, nasceu em Medellín, em 1954, no estado de Antioquia, filho de Guillermo (Isaac) e Marta Ángel. Seus pais imigraram à Colômbia vindos da Argélia, país que esteve sob domínio espanhol durante muitos séculos, daí seus habitantes falarem castelhano na sua variante africana, além do francês, árabe e dialetos. Sua família se constituía de seus pais, ele, quatro irmãs e três irmãos. Medellín foi o lugar escolhido pelos pais e é onde Memo Ángel vive atualmente (2021). Doutor em Filosofia pela Universidade Pontifícia Bolivariana, Ángel leciona Comunicações Sociais nessa universidade, localizada na sua cidade natal, por quase 20 anos. Entre as atividades provindas do seu prolífico intelecto, inclui-se a de “comunicador social”, com um programa regular na Rádio Bolivariana (adjunta à Universidade do mesmo nome), na qual já tem gravados por volta de 800 programas culturais. É cronista regular em dois jornais e três revistas e palestrante em vários meios de comunicação além do rádio, como em programas de televisão, filmagens para o YouTube e em outros formatos dirigidos ao público em geral.

Sua obra literária atraiu a atenção do Serviço Acadêmico Alemão de Intercâmbio (Deutscher Akademischer Austauschdienst), que lhe outorgou o prêmio de “Artista em Residência”, em Berlim, em 2005. Desta experiência, publicou *Todos los sitios son Berlín*, narrativa sobre dois jovens latino-americanos judeus em Berlim. Na Alemanha, tem quatro livros traduzidos e publicados: *Das Meschuggene Jahr*, *Das Fenster zum Meet*, *Geshichten vom Fenstersims* e *Mindeles liebe*.

Ainda pouco conhecido fora da Colômbia, sua obra não ficcional e seus trabalhos acadêmicos são de interesse universal: *Comunicación, espacios y ciudad*; *Comunicación, conflicto y ciudad*; *Sin parasitar*, *La significación de lo insignificante*; *Lo que pasa leyendo*.

É prolífica sua produção ficcional, da qual destacam-se romances e livros de contos com temática judaica-sefardita: *La casa de las cebollas*; *Cuentos judíos: los viajeros*; *Mesa de judíos*; *El aire que habita el tiempo*; *Aquí te traje el mar* (*Historia de unos viajeros y de las aguas vividas*); *Todas las salidas del tren*, e *Zurich es una letra álef*.

O que se percebe entre suas obras é uma travessia dinâmica de personagens e aderência a símbolos e metáforas, como as celebrações litúrgicas judaicas e os ambientes em que se dão, mesmo entre os não crentes. Em *La casa de las cebollas*, o protagonista Moshé Franco se encontra entre duas opções existenciais: seguir a



tradição judaica como ensinada por seus pais ou esculpir sua própria vida como lhe agradar melhor. Em ambas as dimensões ele se vê confuso, até que uma delas ganha sobre a outra, ao longo das suas conversas com sua avó na “casa das cebolas”.¹²

Essa mesma movimentação entre os personagens pode-se ver em *Cuentos judíos*, que consta de 13 narrativas curtas, das quais a de número 6 leva o subtítulo “*los viajeros*”.¹³ Estes são um casal de judeus preparando-se para sair para sempre da sua cidade, em direção a Israel, onde mora uma das filhas, enquanto outra reside em Nova York. O protagonista é um serralheiro, trabalha o ferro com as mãos, uma arte já não mais procurada, mesmo que fosse para simples grades em janelas. Nesse conto se vislumbra o tanto que o autor se esmera em criar uma atmosfera realista ao mesmo tempo que a envolve num espaço sonhador, quase etéreo, pelo qual o personagem transita pelas lembranças do tempo quando suas mãos limavam e lavravam o ferro, mas que agora são usadas para fazer a mala que levará consigo, como o viajante que se tornou. Da arte de forjar o ferro, tornou-se um banal *viajero*, um viajante comum.

Há uma constante na obra ficcional de Ánjel: a família. Pode ser uma pequena tribo espalhada pelo mundo (como no conto “*Los viajeros*”) como pode ser uma grande família ao redor de uma mesa, onde todos se reúnem para comer e discorrer sobre suas batalhas pessoais, como em *Mesa de judíos*. Também pode ser como uma família composta de personagens, cada um com suas peculiaridades, como vistos por um menino que está por completar 13 anos, em *Todas las salidas del tren*.¹⁴ A tônica “família” que se instala em grande parte da sua obra se faz acompanhar por um profundo conhecimento, de parte do autor, de certas ocupações, como a do serralheiro, ou de projetor de locomotivas, ou ainda como vendedores de objetos domésticos, todos afazeres descritos com rigor detalhista.

No romance *Todas las salidas del tren*, o veículo é um fio condutor (jogo de palavras é proposital), pois muitas locomotivas atravessam o romance, cada uma delas carregando, por um certo tempo, um dos personagens. A história é narrada num ziguezague temporal que começa pelo ano 1957 (tempo presente) para ir para o ano 1900, voltar para 1957, ir para 1910, e assim para a frente e para trás, com datas encabeçando os capítulos: 1957, 1904, 1957, 1919, 1957, 1907, 1957, 1930, com poucas exceções, estas marcadas com títulos como: Marruecos 1936-1970, África, Haifa, Lía. Há mais de uma voz narrativa: começa com o menino que vai fazer 13 anos (ou seja, quase no limiar de sua transformação religiosa de garoto para jovem adulto, na cerimônia do *bar-mitzva*), continua com a voz de uma avó dele, prossegue com a narrativa da tia Lia. Enquanto a avó lembra dos trens franceses em que viajava quando morava em Oran, na Argélia, a tia Lia (irmã da mãe do menino), divorciada e muito animada, conta sobre as vidas de dois cavalheiros que ela conheceu em tempos

¹² ÁNJEL, 2010.

¹³ ÁNJEL, 2017.

¹⁴ ÁNJEL, 2018.



diferentes, Shmuel Malaji (romaniote, isto é, judeu grego, de Salônica) e Buma Schneid, russo da família de Pinkas, seu ex-marido. A narrativa sobre os dois, que são os que mais sobem e descem de trens, começa na noite de Pessach, a celebração da libertação dos escravos hebreus do Egito, guiados por Moisés. Estão todos na casa da senhora Goldstein, de origem austríaca e mulher de posses, perfazendo um exemplo da amizade asquenazita-sefardita que reinava entre os judeus em Medellín.

Shmuel Malaji era um especialista em trens e tia Lia descreve como ele conhecia todas as partes da locomotiva, desde a caldeira à máquina térmica até os pormenores dos trilhos e os pedregulhos entre eles. Fazia projetos e desenhos das variadas funções do mecanismo dos comboios e com este conhecimento conseguia empregos em diversas regiões no mundo. Depois de escapar de Berlim em 1930, esteve em Marselha, na França, em Tânger, no Marrocos, parando e trabalhando, quando podia, entre esses dois lugares. Na narrativa de Lia, Buma Schneid igualmente viaja de um lugar para outro: da Europa para Nova York, de lá para Chicago, depois para o México, a Guatemala e Nicarágua, seguindo para o Panamá, antes de, finalmente, chegar na Colômbia.

A movimentação desses personagens é constante, o que traz ao romance uma energia de se perder o alento, não fossem as datas e nomes de lugares encimando capítulos, funcionando como balizas indicativas de onde estamos com essas figuras. A diversidade das épocas em que tais deslocamentos tiveram lugar faz com que se revigorem a curiosidade dos ouvintes ao redor da mesa do jantar (e, por conseguinte, dos leitores) e o suspense que a locutora insere nas histórias narradas. Todas elas saíam das lembranças da Lia, que as colocava articuladas e alinhadas num muro verbal incansável, no qual se inseriam também passagens históricas. Estas eram as que mais perturbaram os dois personagens viajantes, forçados a seus deslocamentos justamente por causa de perseguições aos judeus, revoltas populares e guerras, o fundo histórico das narrativas da tia.

As histórias deixam entrever, por um simples comentário da mãe da narradora, que estes personagens podem ter sido inventados, quando a senhora observa, a respeito de uma parada que Lia faz no transcorrer de uma de suas descrições: “Entiérralo como quieras, a fin de cuentas es un húngaro y no tiene nombre” (Enterre-o como quiser, enfim é um húngaro e não tem nome). Isto é, à narradora é entregue a possibilidade de inventar como foi o enterro de um dos personagens (secundário, no caso). Uma intervenção intrigante sobre a liberdade que têm contadores de histórias que são, em última análise, os escritores.

A capacidade do autor em esmiuçar elementos das ocupações as mais variadas apresentam-se na configuração de um maquinista de trens, de cozinheiras de pratos sefarditas e de vendedoras de objetos de mesa e fogão, como o eram Lia, sua mãe e sua irmã – esta, mãe do garoto-narrador, viúva e saudosa do pai do seu filho. A descrição detalhada de objetos traz um ritmo à narrativa que se coaduna com a movimentação



inerente à estrutura novelística, como se pode perceber neste trecho de *Todas las salidas del tren*:

Abraham Saportas, orfebre hábil de ojos y de dedos y conocedor de los metales y del horno: del plano, el alto y el hundido; forjador de letras nacidas del fuego y visitado en las tardes de su tiempo por los ángeles herreros de Amsterdam, fue el origen de nuestra familia. Eso dijo mi abuela paterna que, como no leía novelas con finales felices ni versos en rima, no decía mentiras. Así que Abraham Saportas dio inicio a un grupo de hombres y mujeres que fabricaron herramientas y gravaron metales para los señores y los obispos, para algunos protestantes poderosos y para el sultán de Turquía, que les compró una aleya entera del kitab-al-Kurán tallada en letras árabes y en oro de las Indias y sin enterarse de que la habían hecho en un taller judío. Pasan cosas y cada historia tiene las suyas.¹⁵

No texto se observa como a origem da família do narrador é por sua vocação em criar arte a partir do fogo – o trabalho de um ferreiro que trabalha com ferro fundido, dando-lhe volume e forma. Uma aproximação ao deus dos ferreiros e do fogo, no mundo mitológico grego se faz adequada, pois o homem conseguiu enganar uma figura dominante, como o fez o tal deus em relação a uma divindade. Esse ferreiro humano engana um todo poderoso sultão turco. Sutis projeções comparativas similares se encontram em outras partes da obra de Ánjel, que delicadamente envolve deuses gregos com parágrafos do Corão, ou leituras litúrgicas judaicas com histórias de viajantes sefarditas e asquenazitas por mares e terras.

No texto a seguir, exemplifica-se a tendência do escritor em esquadrinhar objetos inertes, dando-lhes vida por contrastes entre eles, além de usar o verbo “movimentar-se” como se estivesse dando início a um desfile de excentricidades:

¹⁵ “Abraham Saportas, ourives hábil de olhos e de dedos e conhecedor de metais e do forno: do plano, do alto e do fundido; forjador de letras nascidas no fogo e visitado nas tardes de seu tempo por anjos ferreiros de Amsterdam, foi a origem da nossa família. Isto disse minha avó paterna que, como não lia novelas com finais felizes, nem versos com rima, não mentia. Assim é que Abraham Saportas ensinou um grupo de homens e mulheres a fabricarem ferramentas e gravarem metais para os senhores e bispos, para alguns protestantes poderosos e para o sultão da Turquia, que comprou um versículo do Kitab-a-Kurán talhado em letras árabes em ouro das Índias e sem saber que foram feitas numa oficina judaica. As coisas acontecem e cada história tem as suas.” (ÁNJEL, 2018, tradução minha).



Por allí se movían maleantes de mejilla marcada, enfermos de malaria, chinos drogados, recién llegados todavía con la maleta en la mano, indios cunas con la cara tatuada en puntos negros y rojos, marineros de todos los lugares de la tierra y vendedores de las cosas más disímiles: puñales militares, cálices de iglesias, chapas de puertas, postales con mujeres desnudas, estampitas religiosas, pinchos con carne de babilla, manzanas y naranjas juntas, libros retorcidos por el calor, frascos de colores, indulgencias y cruces, pitos de tráfico y, en todo este desfile, anuncios en inglés invitando a los rezos en las iglesias protestantes, generales luciendo sus últimas señoras y gringos, muchos gringos de vestido de lino y sombrero panamá, que no eran turistas sino los dueños de los negocios grandes.¹⁶

Inerente a essas movimentações e aos deslocamentos humanos ou materiais, infiltra-se uma filosofia de vida que pode nos fazer lembrar de Heráclito, o filósofo grego que viveu e morreu antes da Era Comum. Para ele, o Universo era Movimento. O fogo representava bem sua visão do mundo: as chamas que se mexem, volteiam sem parar, cada vez mais fortes, em movimentos mirabolantes: isto é, Vida no Universo. Nos romances de *Ánjel*, são as rodas dos trens, as roldanas, os cabos e bobinas de sua maquinaria, as palavras que jorravam dos personagens contadores de histórias ou introvertidos e enrolados em seus pensamentos, os homens e mulheres como passageiros que atravessam paisagens, são descrições dinâmicas pela sequência e diversidade de focos. São os elementos que, numa apresentação sucinta como esta, podem ser vistos como características de sua obra ficcional além dos valores familiares espelhados em narrativas consecutivas e iterativas, manifestados por diversas vozes. Esses são alguns dos sinais distintivos nas obras aqui observadas, como introdução às qualidades literárias de *Memo Ánjel*.

O total de sua obra, seja tratando de famílias sefarditas, seja entrando em outras esferas (não examinadas aqui) vem a demonstrar a universalidade da sua escrita, pois abarca sentimentos humanos em inúmeras colorações, judias ou não. Tais sentimentos são

¹⁶ “Por ali se movimentavam meliantes com marcas no rosto, doentes de malária, chineses drogados, recém chegados e ainda com a maleta na mão, índios cunas com a cara tatuada com pontos negros e vermelhos, marinheiros de todos os lugares da Terra e vendedores de coisas as mais disparatadas: punhais militares, cálices de igrejas, chapas de portas, postais com mulheres nuas, santinhos, espetos de lombinho, maçãs e laranjas juntas, livros ressecados pelo calor, frascos de cores, indulgências e cruces, apitos de tráfico e, em todo esse desfile, anúncios em inglês convidando às orações nas igrejas protestantes, gerais exibindo suas damas recentes, e gringos, muitos gringos de roupa de linho e chapéu panamá, que não eram turistas, mas sim donos das grandes lojas.” (*ÁNJEL*, 2018, tradução minha).



factíveis em todos os mortais que um dia partiram de algum lugar e chegaram a outro, que abandonaram para sempre espaços e entes queridos e penetraram por áreas e pessoas até então desconhecidas.

Esse é o cerne da obra de Memo Ánjel: a universalidade espelhada em indivíduos solitários ou acompanhados, deslocados ou inseridos numa região ou comunidade. Em entrevista a um jornal colombiano, ao escritor foi feita esta pergunta: Qual é seu problema e como foi resolvido por intermédio da literatura? – Resposta de Ánjel: O que é ser judeu na América Latina. O romance *Todos los sitios son Berlín* é sobre o que acontece a dois judeus latino-americanos em Berlim: “[...] temos que nos perguntar quem sou eu aqui. Como consigo seguir com uma história alheia à história dos outros e como consigo fazer trocas com esta história”. No original: “Uno se tiene que hacer la pregunta de quién soy yo aquí. Cómo cargo yo con una historia ajena a la de los demás y cómo logro hacer intercambios con esa historia”.¹⁷

O denominador comum aos escritores indicados neste ensaio, tanto os radicados no Brasil quanto nos dois outros países alcançados pela floresta amazônica (Venezuela e Colômbia), é a inclusão de sua origem judaico-sefardita em suas obras criativas. Os meios de interpretar o judaísmo vão em conjunção à sua criação doméstica, oriunda de diversos países, como Marrocos, Argélia, Bulgária, Holanda, Curaçao e Brasil. Essa variedade geográfica tem relevância nas respectivas criações literárias, visto que seus antecedentes são evocados em seus textos como focos de inspiração, em pensamentos saudosistas e por outros sentimentos similares. Mais além, exploram o passado e o presente de seu meio ambiente, da sociedade na qual convivem ou na qual seus antepassados viveram, rebuscando histórias vivenciadas por outros judeus sefarditas. O espaço amazônico onde sefarditas encontraram um meio de vida, cultivaram a religião judaica ou dela se afastaram, escreveram sobre suas experiências ou as relataram para filhos e netos, precisa ser explorado. Há muito material ainda inédito que pode ser desvendado por estudiosos de literatura. Há um tesouro literário maior e mais rico do que o *El Dorado* mítico.

Referências

ÁNJEL, Memo. *Cuentos judíos: los viajeros*. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, 2017.

ÁNJEL, Memo. Entrevista. *El Tiempo*, 14 maio 2014.

ÁNJEL, Memo. *La casa de las cebolas*. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, 2010.

ÁNJEL, Memo. *Mesa de judíos*. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, 2010.

¹⁷ ÁNJEL, 2014.



ÁNJEL, Memo. *Todas las salidas del tren*. Medellín, Colombia: Universidad Pontificia Bolivariana, 2018.

CHOCRÓN, Isaac. *Escrito y sellado*. Caracas: Centro Cultural Consolidado BOD, 1993.

CHOCRÓN, Isaac. *Pájaro de mar por tierra*. Caracas: Editorial Tiempo Nuevo, 1972.

CHOCRÓN, Isaac. *Rómpase en caso de incêndio*. Caracas: Monte Avila Editores, 1975.

CUÁLES son los países que tienen parte de su território en el Amazonia. *Epicentro Geográfico*. Disponível em: <https://epicentrogeografico.com/2019/08/cuales-son-los-paises>. Acesso em: 30 mar. 2021.

HISTORY of the Jews in Morocco. Holocaust. A Call to Conscience. Disponível em: <http://www.projetaladin.org/holocaust/en/muslims-and-jews/muslims-and-jews-in-history/history-of-the-jews-in-morocco.html>. Acesso: 30 abr. 2020.

MINEV, Ilko. *A filha dos rios*. São Paulo: Livros de Safra, 2015.

MINEV, Ilko. *Na sombra do mundo perdido*. São Paulo: Livros de Safra, 2018.

MINEV, Ilko. *Onde estão as flores?* São Paulo: Livros de Safra, 2014.

MINEV, Ilko. *Nas pegadas da Alemoa*. São Paulo: Buzz Editora, 2021.

PAPO, Joseph. Comunidades sefardíes en América Latina, pasado y presente. *Maguén Escudo*. n. 184, abr.-dic. 2020, Nisán 5780-Kislev 5781. Publicado em jan. 2021. Disponível em: <https://revistamaguenesescudo.wordpress.com/comunidades-sefardies-en-america-latina-pasado-y-presente/>. Acesso em: mar. 2021.

ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. *Morashá*, 30 set. 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/revista.html>. Acesso em: 4 abril 2015.

ROSENBLATT, Sultana. *Reviravolta*. Belém: Grafisa, 1980.

SALGADO, Elias. De cima de uma árvore aos 48. In: SALGADO, Elias. *Vou ali e volto já*. Rio de Janeiro: Edições Talu, 2015. p. 51.

SALGADO, Elias. Leléu. *Universo Sefarad*, n. 10. Edição Rosh Hashaná, 2021.

SEPHARDI Jewish Communities in Latin America. *Sephardi Tree`s Blog*. Disponível em: <https://findmyheritage.wordpress.com/2010/06/27/sephardi-jewish-communities-in-latin-america>. June 2017. Acesso em: mar. 2020.

Recebido em: 23/04/2021.

Aprovado em: 23/05/2021.